

## REFLEXÕES LITERÁRIAS: A CONSTRUÇÃO DA NACIONALIDADE EM VARNHAGEN E ALEXANDRE HERCULANO

Michelle Fernanda Tasca\*

O fascínio pelo passado, que guiou tanto os estudos históricos quanto muitas das obras literárias oitocentistas, foi uma das grandes características do Romantismo. Se por um lado a história tornava-se cada vez mais científica, propondo a separação entre as lendas e a realidade, por outro, surgia uma literatura pautada em bases históricas, ou seja, operando ao mesmo tempo universos fictícios e referenciais (MARINHO, 1992, p. 97).

Essa tendência ficou muito patente nos romances históricos escritos por Walter Scott (1771 – 1832), que para retratar a história medieval europeia apresentava fatos e personagens que se mesclavam entre a realidade e a ficção. Enquanto os historiadores valorizavam cada vez mais a veracidade nos relatos e pretendiam que seus textos seguissem uma trajetória fidedigna aos dados presentes nos documentos, essa literatura preenchia com a ficção e o imaginário as lacunas encontradas. Os frios personagens da história documental ganhavam vida ao serem dotados de sentimentos e paixões impossíveis de serem captados com a forma científica de se tratar o passado.

As obras de Alexandre Herculano (1810-1877) e Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878) podem ser analisadas a partir dessa mesma relação flutuante entre a história e a literatura. Herculano foi um autor, que se dedicou ao estudo da história de Portugal tentando resgatar uma identidade que se pensava perdida frente às constantes crises que assolavam o território lusitano. No contexto romântico europeu, guiado pelo liberalismo político, suas obras refletem a necessidade de um povo em busca de suas origens para reafirmar sua nacionalidade. Sendo assim, ao dedicar grande parte de sua vida à pesquisas sobre a história de Portugal, Herculano deu especial atenção ao período medieval, até então pouco estudado. Publicou importantes obras para a historiografia lusitana, como os volumes que compõem a *História de Portugal* (1846-1853), a *História da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal* (1854-1859), além de textos em importantes periódicos, tais como *O Panorama* e a *Revista Universal Lisbonense*, alguns dos quais reunidos posteriormente nos *Opúsculos*.

Apesar de nascido no Brasil, Varnhagen também foi um historiador atuante no contexto europeu, sobretudo em Portugal, onde estudou e se formou. Mas, nunca deixou de almejar a nacionalidade brasileira que considerava seu direito, vindo a conquistá-la apenas

---

\* Doutoranda em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Email: michelle.tasca@gmail.com.

depois de adulto. O encanto pela terra natal fez com que, mesmo em um país distante, o autor se interessasse pela história brasileira, dedicando seus maiores préstimos a narrar e estudar suas origens. Tanto Herculano quanto Varnhagen mantinham estreitas ligações com os governantes, que invariavelmente patrocinavam seus trabalhos, mas no caso do autor brasileiro essa relação se dava de maneira mais direta ao participar dos movimentos em prol de uma história institucionalizada. A intenção era criar a identidade brasileira de forma independente da antiga metrópole, o que se reforçou quando Varnhagen se tornou membro do IHGB, que apoiava diretamente suas pesquisas e a publicação de suas obras. Nesse contexto escreveu trabalhos de capital importância para o início da historiografia brasileira, como a conhecida *História Geral do Brasil* publicada primeiramente em 1857 e reeditada em 1872, *História das lutas contra Holandeses no Brazil* (1871), além de vários textos publicados nas páginas do jornal *O Panorama* e da *Revista Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, criado em 1838 e do qual se tornou correspondente em 1841.

Nesse sentido, Herculano e Varnhagen publicaram entre as décadas de 1830 e 1850 uma vasta gama de textos versando sobre diversas matérias, mas privilegiando sobremaneira os temas históricos, as críticas e análises literárias e os escritos romanescos, nos quais aliavam o interesse pela história à elaboração de narrativas literárias. Nota-se um conhecimento aprofundado desses historiadores em diversas as matérias, ou seja, podiam dissertar com propriedade tanto sobre questões historiográficas quanto sobre literatura clássica e contemporânea, nacional ou estrangeira. Sugeriam indiretamente, que esses conhecimentos seriam mais próximos e complementares do que se poderia imaginar a partir de um olhar acadêmico contemporâneo, em que essa divisão de gêneros de escrita e das disciplinas é mais claramente estabelecida. No entanto, esses dois polos que hoje são mais claramente diferenciados, durante o século XIX eram unidos por uma preocupação em comum, que os perpassava e interconectava: a identidade nacional.

A relação apontada pode ser percebida nos textos em que os autores dialogam diretamente com o conhecimento literário, atravessando por questões relativas à identidade nacional e à própria ligação com a história. Nesse sentido, temos alguns escritos de Herculano que foram publicados em periódicos: “Qual é o estado da nossa litteratura? Qual é o trilho que ella hoje tem a seguir” e “Poesia: Imitação – Bello – Unidade”, que saíram no jornal *Repositório Litterário* respectivamente nos anos de 1834 e 1835, “Novellas de Cavallaria Portuguesa”, publicadas no *Panorama* entre os anos de 1838 e 1840, e finalmente “Futuro Literário de Portugal e do Brasil”, na *Revista Universal Lisbonense* em 1847. Varnhagen, por sua vez, teve seus livros *Épicos Brasileiros* de 1845 e *Florilégio da Poesia Brasileira*, em que

também consta o prólogo intitulado “Ensaio Histórico sobre as Letras no Brasil”, editados pela Imprensa Nacional de Lisboa em 1850.

Embora ambos os autores tenham se dedicado a tais escritos sobre literatura, cada um deles seguiu um estilo de escrita muito peculiar, visando inclusive objetivos distintos. Esses textos de Herculano eram produzidos para integrar os periódicos, no caso o *Repositório Litterario*, o *Panorama* e a *Revista Universal Lisbonense*, cada qual com sua linha própria de publicações e objetos de interesse, mas todos coincidindo no espaço dedicado a temas da literatura e história nacional. Por mais aprofundado que cada artigo pudesse se apresentar, sempre havia, no entanto, a limitação da quantidade de páginas disponibilizadas em cada edição, motivo das reclamações de Herculano em “Poesia: Imitação – Bello – Unidade”, quando se retrata pela forma breve com que aborda algumas das grandes obras da literatura europeia:

Passamos de leve na aplicação de uma parte de nossos princípios aos cinco mais celebres poemas da velha e nova Europa, porque não era compatível com a brevidade o fazê-lo de outro modo; por essa razão fomos talvez obscuros. Ser-nos-há porventura dado algum dia tractar d’esta matéria, fora de uma folha periódica...(HERCULANO, 1909, p. 68).

A argumentação desenvolvida não apenas nesse, mas nos demais artigos selecionados, sugere um conhecimento aprofundado da matéria tratada, assim como uma ampla erudição refletida nas constantes citações de autores literatos e teóricos, além de conceitos de arte e filosofia que embasam suas teorias e críticas. No mesmo texto, por exemplo, em que apresenta sua opinião sobre a crítica literária em Portugal e a necessidade de estabelecer um campo doutrinário que afiançasse a liberdade do poeta e o trouxesse para os limites da razão, Herculano discute conceitos do belo, da imitação e da unidade, assim como da verdade e verossimilhança, todos aplicados à poesia. Nesse sentido, dialoga com uma série de autores como Boileau, Burke, Delaunay, Batteux e Aristóteles, além de citar e comentar alguns dos que considera os grandes poemas da Europa: *Ilíada*, *Eneida*, *Orlando Furioso*, *Os Lusíadas* e *Jerusalém Libertada*, os quais analisa de acordo com os princípios citados.

Será, pois, em nosso systema o primeiro passo a dar no exame de qualquer poema o buscar qual foi essa idéia, esse deus in nobis que constrangeu o poeta a revelar-se ao mundo em cantos harmoniosos. Nós a buscaremos nos cinco mais celebres poemas da Europa – a Ilíada, - a Eneida - o Orlando Furioso - os Lusíadas - e a Jerusalém Libertada (HERCULANO, 1909, p. 50-51).

A mesma linha é seguida em “Qual é o estado da nossa litteratura?” cujo mote continua sendo a literatura e a crítica literária em Portugal, desenvolvida a partir de questões

filosóficas sobre a poesia e a eloquência, passando pelo belo e o sublime e pelo abandono dos cânones clássicos.

Varnhagen não sofreu tanto com a limitação das páginas ao escrever, pois seu interesse pela literatura ficou mais patente nos livros do que em artigos publicados em periódicos. Sua posição crítica ficou evidenciada principalmente nos textos de abertura de suas obras, tanto os *Épicos Brasileiros* quanto o *Florilégio<sup>1</sup> da Poesia Brasileira*, consistem em compilações de textos literários brasileiros, sendo que o primeiro corresponde à reedição do que considera as primeiras epopeias brasileiras versando sobre temas nacionais: *O Urugway* de José Basílio da Gama, primeiramente publicada em 1769, seguindo-se novamente em 1811 e 1822, a primeira e a última publicadas em Lisboa e a segunda no Rio de Janeiro; e *Caramuru*, de Fr. José de S. Rita Durão, datado inicialmente de 1781, 1836 em Lisboa e 1837 na Bahia (VARNHAGEN, 1845, p. 445). A segunda obra, por sua vez, consiste em uma reunião de poemas nacionais coletados pelo autor em meio às pesquisas realizadas sobre a história da América.

Seus escritos não apresentam o mesmo caráter de discussão filosófica sobre arte ou conceitos literários baseados em teoria, como ocorreria nos textos de Herculano, mas constrói um importante panorama sobre a situação da literatura brasileira através de levantamentos e descrições do que se produzia até então.

A obra de Varnhagen, contudo, não foi pioneira na tarefa de reunir textos da literatura brasileira durante o século XIX. Algumas décadas antes, em 1829, o Cônego Januário da Cunha Barbosa, membro fundador do IHGB, publicara o *Parnaso Brasileiro*. Em 1842, Joaquim Norberto de Sousa e Silva e Emílio Adet publicaram *Mosaico Poético, poesias brasileiras antigas e modernas, raras e inéditas, acompanhadas de notas, notícias biográficas e críticas, e de uma introdução sobre a literatura nacional*, e no ano seguinte, na intenção de completar a antologia do Cônego Januário da Cunha Barbosa, J. M. Pereira da Silva lançou o *Parnaso Brasileiro ou seleção de poesias dos melhores poetas brasileiros desde o descobrimento do Brasil precedido de uma introdução histórica e biográfica sobre a literatura brasileira* (CAIRO, 1995, p. 46). Ao estabelecerem como critério básico para seleção o que houvesse de mais brasileiro na literatura, essas coletâneas inseriram elementos do nacionalismo nos trabalhos de crítica e análise literária, prática que será amplamente seguida durante o Romantismo brasileiro (CAIRO, 1995, p. 47).

Assim consideradas, essas obras pertencem ao que Antonio Cândido denominou como a primeira fase do romantismo brasileiro, possuindo ligação direta com o IHGB, fundado em 1838. Dessa forma, além de ter como mérito a criação da crítica literária no



Brasil, um dos pontos cruciais em seus debates era o problema da autonomia nacional. Questionava-se sobre a existência de uma literatura especificamente brasileira distinta da portuguesa (CANDIDO, 2002, p. 32), que seria o cerne da afirmação da identidade e valorização do elemento nacional, meta de grande parcela dos intelectuais nesse período.

A essa problemática, tanto Alexandre Herculano quanto Varnhagen dedicaram algumas páginas de seus trabalhos. No Prólogo de *Florilégio da Poesia Brasileira*, Varnhagen reluta em adentrar nos méritos das divisões entre as literaturas portuguesas e brasileiras baseando-se exclusivamente em critérios nacionais:

Repugnará sempre a nosso ânimo entrar em tal questão, por nos parecer que os argumentos de parle a parte poderão correr o risco de sair pedantes, ou demasiado escolásticos, sem falar dos mal entendidos preconceitos de amor próprio nacional n'uma questão litteraria (VARNHAGEN, 1850, p. VI).

No entanto, mantém sua firme e declarada convicção da poesia brasileira ser independente do desenvolvimento literário português:

... pois desgraçado do poeta do Brazil que, ao chegar-lhe a inspiração, tivesse que mandar consultar em Portugal um de seus filhos, que nunca tivesse ido á America (pois a estes se acostuma o ouvido como é natural), se tal ou tal palavra lhe promove o riso, como o jacarandá ao censor(VARNHAGEN, 1850, p. VII).

Varnhagen não propõe uma ruptura completa com os princípios da literatura europeia ao se referir a uma literatura de raízes brasileiras, mesmo porque tal feito desligaria o Brasil dos ideais civilizatórios representados pela Europa, o que não era sua intenção. Nessa concepção, a grande distinção entre as duas literaturas estaria primeiramente nas particularidades da própria linguagem: o português do Brasil seria distinto do português de Portugal. Dessa forma, apesar de valorizar as inspirações advindas das originalidades do território brasileiro, não minimizava a importância dos clássicos portugueses na instrução dos poetas e literatos.

*A America, nos seus diferentes estados, deve ter uma poesia, principalmente no descriptivo, só filha da contemplação de uma natureza nova e virgem; mãsenganar-se-ia o que julgasse, que pàra ser poeta original havia que retroceder ao abc da arte, em vez de adoptar, e possuir-se bem dos preceitos do bello, que dos antigos recebeu a Europa* (VARNHAGEN, 1850, p. XVI).

Considerando toda a ligação de Varnhagen com Portugal, relativa tanto à sua formação quanto à sua produção intelectual, é possível perceber que embora o apreço pela

constituição de uma literatura brasileira e pela construção do elemento nacional seja muito forte e marca crucial de seus trabalhos, não existe a proposta de uma ruptura com Portugal. Como salientado por Antonio Candido, mesmo a imagem do indígena brasileiro criada por ele poderia ser considerada anti-romântica, por apresentá-lo como selvagem, cruel, sem instituições e crenças humanizadoras, remetendo a um ponto de vista conservador, coerente com o discurso europeu de colonização e política metropolitana (CANDIDO, 2002, p. 34). Além disso, o afastamento total do universo europeu e aceitação das tradições indígenas implicaria um distanciamento desproporcionado da “civilização”, que não seria o objetivo da elite imperial brasileira, a que o Instituto Histórico se via ligado, mesmo em trabalhos em que a imagem do indígena aparecia de forma idealizada.

Alexandre Herculano também aborda a relação entre Brasil e Portugal em seus textos, principalmente em *Futuro Literário de Portugal e do Brasil*, escrito em 1847 logo após entrar em contato com a obra *Primeiros Cantos: Poesia por A. Gonçalves Dias*, poeta brasileiro. Encantado com as “nobres inspirações” do poeta, ressalta a força e juventude da literatura desenvolvida no Brasil, frente à decadência de Portugal. Sua visão do cenário português segue uma linha pessimista e amarga, apresentando o país como um velho decrepto e triste, já degradado e moribundo, não comportando mais as grandes obras literárias e poéticas de anteriormente: “Poeta, nesta terra é noite! Por que não te acolheste ao teu ninho? Agora o que te resta é morrer. Vae abrigar-te entre os orbes; vae derramar em canções a tua alma no seio immensode Deus. Ahi é que sempre é dia” (HERCULANO, 1847, p.6). O Brasil, por sua vez, seria o jovem território onde despontava uma literatura nova e em desenvolvimento: “É um mancebo vigoroso que derriba um velho cachetico, demente e paralytico” (HERCULANO, 1847, p.6). Além de sua imprensa já ultrapassar a da antiga metrópole, tanto em relação à publicação de periódicos quanto à de livros, o Brasil tornara-se grande consumidor do que se imprimia em Portugal, fato que ressalta a importância e prosperidade do novo território em face ao atraso em que caíra o antigo.

Essa visão acerca de um Portugal intelectualmente atrasado em relação às demais nações, tanto a brasileira quanto as europeias, em que as letras que um dia haviam sido brilhantes e promissoras encontravam-se em franca decadência aparece em outros dois textos citados no início do capítulo: “Qual é o estado da nossa litteratura? Qual é o trilho que ella hoje tem a seguir?” e “Poesia: Imitação – Bello – Unidade”.

Os questionamentos que dão título ao primeiro texto refletem diretamente as preocupações do autor no que concernem à problemática levantada e dão lugar à “dolorosa confissão da decadência em que se acha em Portugal a poesia e a eloquência”

(HERCULANO, 1909, p. 3). O exagero das metáforas e a valoração extrema da forma em detrimento das ideias teriam levado à criação de uma literatura corrompida que, para Herculano, atingira o auge nos princípios do décimo oitavo século. Em “Poesia: Imitação – Bello – Unidade”, embora permaneça uma perspectiva ainda obscura, considerando a literatura portuguesa adormecida, surge a ideia de um despertar, a esperança de que “o amor da literatura vencerá todas [as dificuldades] quando ajudado do estudo e do gênio.”

Varnhagen, compartilha dessa perspectiva otimista em relação à literatura nacional brasileira, elencando em seu discurso algumas das obras que considera mais importantes para a história dessa literatura. Seu intuito era, acima de tudo, enaltecer a produção dos poetas, não se detendo em críticas ou muito menos em decadências ou atraso, valorizando a produção nacional e os projetos de uma nacionalidade que despontava.

Ponto em comum nos dois escritores é a temática nacional. Embora Herculano critique intensamente o atraso e sonolência da literatura portuguesa, mantém acesa a esperança de tempos melhores, contanto que certas medidas fossem seguidas para sanar o “atraso” de Portugal. Sugeriu a criação de um bom curso de literatura que impulsionasse as letras, além de medidas relacionadas à melhoria dessa parcela do ensino público, pois considerava que a nação portuguesa possuía homens de gênio e erudição, mas as tiranias teriam conservado o país na obscuridade de que agora deveria sair (HERCULANO, 1909, p. 25).

Infelizmente em nossa pátria a litteratura há já annos que adormeceu ao som dos gemidos da desgraça publica: mas agora ella deve despertar, e despertar no meio de uma transição de idéas. Esta situação é violenta, e muito mais para nós, que temos de passar de salto sobre um longo prazo de progressão intellectual para emparelharmos o nosso andamento com o do século. Se as opiniões estivessem determinadas, o mal ainda não seria tão grande; mas é num chãos que nos vamos mergulhar e do qual nos teremos talvez muito depois de outras nações. A influencia da litteratura estrangeira torna necessário este acontecimento, se aquelles a quem está encarregada esta porção do ensino publico não tratarem de estabelecer uma theoria segura que previna tanto o delírio d’uma licença absurda como a submissão abjecta que exige certo bando litterario. Sabemos as difficuldades que tal trabalho encerra; porem o amor da litteratura vencerá todas quando ajudado do estudo e do gênio (HERCULANO, 1909, p. 24).

A ideia de nação apresenta-se como uma constante nos discursos de Herculano. Fosse na forma de crítica ou de reflexão, o que estaria em pauta seria sempre a compreensão da situação de seu país, considerando os problemas, mas também a existência de um passado brilhante que legara preciosidades como os *Lusíadas* de Camões, obra que analisa em

“Poesia”, ao lado da obra de Virgílio: “Só por Camões nós os portugueses seríamos grandes” (HERCULANO, 1909, p. 65).

De forma paralela, o primeiro ponto de destaque sobre a construção da identidade nacional na obra de Varnhagen pode ser visualizado em *Ensaio Histórico sobre as Letras no Brasil*. Em algumas dezenas de páginas, o autor constrói um panorama sobre a literatura brasileira, desde o descobrimento e colonização do país, quando lamenta o fato de praticamente não existirem obras portuguesas dedicadas a narrar, comentar ou enaltecer a conquista americana. Os feitos portugueses na África e Ásia contaram com obras de célebres escritores como Camões, Corte-Real e Vasco Mausinho (VARNHAGEN, 1850, p. XI), em contrapartida, a única obra mais extensa sobre o Brasil relacionada a esse período seria de autoria de Gabriel Soares de Souza datada do ano de 1587.<sup>2</sup> Dentro desse cenário, Varnhagen considerava também as primeiras tentativas literárias do século XVI, advindas da poesia indígena e das instituições jesuíticas que dominavam tanto a catequese dos nativos quanto a educação dos jovens em território brasileiro. Foram também dos colégios jesuítas que vieram a sair os primeiros humanistas e poetas brasileiros. No entanto, Gregório de Matos seria o primeiro poeta que se fez notável no Brasil, seguindo o estilo satírico e sendo muito influenciado por Quevedo, escritor espanhol do século XVI (VARNHAGEN, 1850, p. XXIII).

O *Florilégio da Poesia Brasileira* segue a mesma vertente de uma série de outros críticos românticos da literatura dedicados a estabelecer um paradigma relacionado ao nacionalismo literário. Preocupados com a definição de uma literatura brasileira autônoma, esse procedimento intentava encontrar novos parâmetros que caracterizassem a literatura da nova nação independente. Nesse sentido, como sugere Luiz Roberto Velloso Cairo, através do pensamento de August Schlegel e Madame de Staël, introduzidos no meio brasileiro sobretudo por influência de Ferdinand Denis, passava-se a relacionar o classicismo ao Brasil colônia e o romantismo ao independente (CAIRO, 1995, p. 44).

A inserção de Herculano e Varnhagen no universo literário, sobretudo como críticos, reflete a importância assumida pela literatura nesse momento. Ou seja, não apenas os estudos históricos entravam na pauta das discussões, mas também o desenvolvimento literário de tais países. Assim sendo, Portugal e Brasil podem ser considerados sob o viés da definição dos parâmetros de uma literatura nacional, preocupada com a criação de uma nova identidade: seja pela novidade da independência como no caso brasileiro, quanto pelo retorno a uma “idade de ouro perdida”, no caso da literatura portuguesa.

A preocupação dos autores, portanto, gira em torno de dois pontos: delinear uma identidade nacional e ao mesmo tempo delimitar a literatura que seria sua verdadeira



expressão. Quando Herculano e Varnhagen passam da crítica para a produção literária propriamente dita, tratam sempre de temas caros à história de seus países, visando o estabelecimento da identidade nacional através dos escritos literários. A história e a literatura tornam-se uma via de mão dupla, uma não seria possível sem a outra.

### Referências bibliográficas:

CAIRO, Luiz Roberto Velloso. Do Florilégio à Antologia da Poesia Brasileira da Invenção: uma reflexão sobre o paradigma da história da literatura brasileira. *Revista de Estudos de Literatura*, Belo Horizonte, v.3, out. 95.

CANDIDO, Antonio. *O Romantismo no Brasil*. São Paulo: Humanitas, 2002.

HERCULANO, Alexandre. Futuro Literário de Portugal e do Brasil. *Revista Universal Lisbonense*, vol. VII, p. 5-8, 9 de dezembro de 1847.

HERCULANO, Alexandre. Poesia: Imitação – Bello – Unidade. In: *Opúsculos*. 3ª ed., Lisboa: Livraria Bertrand, 1909. Tomo IX.

HERCULANO, Alexandre. Qual é o estado da nossa litteratura? Qual é o trilho que ella hoje tem a seguir? In: *Opúsculos*. Lisboa: Bertrand, 1909. Tomo IX.

MARINHO, Maria de Fátima. O Romance Histórico de Alexandre Herculano. *Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas*, n. 09, p. 97-117, 1992.

VARNHAGEN, Francisco A. de. Ensaio Histórico sobre as Letras no Brasil. In: \_\_\_\_\_ . *Florilegio da poesia brasileira: ou collecção das mais notaveis composições dos poetas brasileiros falecidos, contendo as biografias de muitos delles, tudo precedido de um ensaio historico sobre as lettras no Brazil*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1850. Tomo I.

VARNHAGEN, Francisco A. de. *Épicos brasileiros*. Lisboa: Impr. Nacional, 1845.

VARNHAGEN, Francisco A. de. *Florilegio da poesia brasileira: ou collecção das mais notaveis composições dos poetas brasileiros falecidos, contendo as biografias de muitos delles, tudo precedido de um ensaio historico sobre as lettras no Brazil*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1850. Tomo I.

---

<sup>1</sup> Para se distinguir do *Parnaso Lusitano ou Poesias Selectas dos autores portuguezes antigos e modernos* de Almeida Garret publicado em 1826, Varnhagen opta por apresentar os poemas em ordem cronológica, precedidas pela biografia de cada autor e por utilizar a denominação de *florilégio* ao invés de *parnasos*, alegando estar em briga com a mitologia. Por *florilégio* também remeter às flores, esse título estaria mais de acordo com a diversidade dos poemas selecionados: “Escolhemos as flores, que julgamos mais adequadas pára o nosso fim, embora seja alguma menos vistosa, outra pique por alguns espinhos, ésta não tenha aroma, aquella pareça antes uma descorada orchydea, e aquell’outrauma parasyta creada com ajuda de seiva alheia, etc.”(VARNHAGEN, 1850, p. IV-V).

---

<sup>2</sup> Varnhagen refere-se ao *Tratado descritivo do Brazil* de Gabriel Soares de Souza, datado de 1587, sobre o qual escreveu suas reflexões críticas, confirmando a autoria do documento e operando com as diferentes cópias do manuscrito existentes.